

INTRODUÇÃO

O presente projeto surgiu a partir de reflexões vivenciadas durante o *Estágio Supervisionado do Curso de Pedagogia da UNEB/Barreiras – Campus IX*, no ano de 1997, do qual participei como aluna. Naquela ocasião, organizamos e executamos um projeto de *Alfabetização de Jovens e Adultos na Comunidade do Benfica*, área de Reforma Agrária do município de Angical – Bahia³. Durante o trabalho foi possível conhecer a experiência da *Escola Família Agrícola*, implantada em 1996, após a criação da sua Associação.

O município de Angical situa-se ao Oeste do Estado da Bahia, distante da capital 885,8 Km, com uma população estimada em 17 mil habitantes, sendo que a maioria da população reside na zona rural; possui um clima seco e sub-úmido – o que possibilita as culturas do milho, sorgo, feijão, caju, amendoim, sisal, mandioca e pastagem na área do assentamento de Reforma Agrária.

A consolidação da implantação da Escola Família Agrícola no município de Angical ocorreu em 5 de agosto de 1995. Sua criação, bem como suas atividades a partir de então, estão diretamente relacionadas aos movimentos sociais e sindicais: *Sindicato dos Trabalhadores Rurais*, Igreja Católica e, principalmente, às associações da área de Reforma Agrária deste município.

Essa experiência despertou-nos o interesse em conhecer melhor o projeto educativo das *Escolas Famílias Agrícolas*. O interesse em estudar essa concepção de educação rural surgiu a partir de alguns questionamentos, quando da visita àquela escola, e da vivenciação dessa experiência a convite da direção pedagógica, bem como das reflexões sobre educação para o meio rural.

Ao longo da História da Educação Brasileira, é possível reconhecer a pouca atenção dispensada pelos poderes públicos em relação à Educação Rural.

O ensino regular em áreas rurais teve seu surgimento no fim do 2º Império e implantou-se amplamente na primeira metade do século XX, especificamente a partir de 1930 – quando ocorrem programas de escolarização considerados relevantes para as populações da roça, sendo que alguns desses projetos se realizaram sob o patrocínio do Ministério da Agricultura.

Contudo, passados mais de seis décadas, continua não havendo, por parte dos poderes públicos, a atenção devida à educação básica para o meio rural. Isso tem representado, historicamente, um grave dilema para os agricultores, apesar da flexibilização curricular prevista pela atual *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei n.º 9.394/96*, aprovada há quase uma década.

Desta forma, muitas famílias continuam deixando a zona rural em direção às cidades, morando, muitas vezes, nos bairros periféricos, em busca de educação escolar para seus filhos, que possa significar oportunidades de um futuro melhor e emprego assalariado, entre outras coisas. Para as famílias que permanecem na área rural e que enviam seus filhos para a escola existente na comunidade, o ensino oferecido – pelo que relatam – não os prepara para permanecerem na terra. Credita-se esse fato ao modelo de escola rural ainda presente em nosso País: currículo inadequado, trabalhando os conteúdos da escola urbana, sem fazer uma adequação às necessidades e realidades

¹ Projeto de Pesquisa de Mestrado em Educação e Contemporaneidade, orientado pelo Professor Dr. Antonio Dias.

² Professora do Departamento de Ciências Humanas - Campus IX Barreiras/UNEB e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. sandrarmaraujo@ig.com.br.

³ A Reforma Agrária de Angical atinge uma área de 54 mil hectares da antiga Fazenda Sertaneja Agropastoril, desapropriada através do Decreto Federal nº 92.279 de 08 de janeiro de 1986, no governo do Presidente da República José Sarney.

do meio rural; os professores, em grande parte, não pertencem ao meio rural e, portanto, não têm uma visão dessa cultura e, finalmente, professores leigos não habilitados para trabalharem com salas multisseriadas – forma de organização das classes rurais em nosso País.

Neste sentido, é possível identificar o equívoco das políticas públicas para a educação rural, que se restringe a oferecer um arremedo da escola urbana, e, por consequência, não habilita os filhos dos agricultores para darem continuidade às atividades dos pais, a fim de que ou permaneçam no campo com uma vida mais digna ou os qualifique para os empregos urbanos.

Essa tem sido a caracterização da escola rural em nosso País, que nega a essas crianças, jovens e adultos o acesso ao conhecimento sistematizado, desconsiderando no processo ensino-aprendizagem os conhecimentos acumulados historicamente, suas manifestações culturais e sociais, dentre outros saberes necessários à formação humana, com vistas à construção de uma sociedade menos desigual.

Mas, nem tudo no cenário educacional rural brasileiro permanece da mesma forma, pois existem experiências bem sucedidas que promovem o auto e o sócio-desenvolvimentos locais, cuja finalidade é a de proporcionar uma formação para o indivíduo com as condições para que ele sobreviva e permaneça no seu local de origem. Essa proposta educacional se manifesta pela utilização dos pressupostos da *Pedagogia da Alternância no Currículo da Escola Família Agrícola*.

Com uma concepção diferente de educação escolar rural, surge, numa pequena aldeia do interior da França, essa experiência educacional denominada aqui por nós de *Escolas Famílias Agrícolas*, como uma forma de garantir aos jovens do meio rural uma educação compatível com seu meio, visando à sua ação consciente e atuante em sua comunidade.

Essas escolas caracterizam-se por uma metodologia pedagógica específica: a alternância. Essa pedagogia leva o jovem a alternar sessões na família/comunidade e escola. A alternância se dá de forma integrada, em que o trabalho e o estudo são dois momentos interligados, porque em ambos se aprende e se interage. A *Pedagogia da Alternância* é desenvolvida numa interação entre jovens, monitores, mestres de estágios e famílias, fazendo deles os principais agentes educacionais.

Nesse contexto, é que as *Escolas Famílias Agrícolas*, alicerçadas pela *Pedagogia da Alternância*, vêm se expandindo em inúmeros países de vários continentes como a Europa, África, Ásia, América Latina e América do Norte, particularmente no Canadá. Já se encontra em discussão a formação de uma rede inter-universitária e internacional com o objetivo de mostrar a importância dessa modalidade de educação na vida do homem e no desenvolvimento de uma sociedade mais justa e mais solidária, pois a solidariedade é o eixo do desenvolvimento humano.

No Brasil, essas escolas surgiram com o nome de *Movimentos de Educação Promocional do Espírito Santo* – MEPES, em 26 de abril de 1968 e, em 1976, surgem as *Escolas Famílias Agrícolas* em Olivânia, no mesmo estado, sob a liderança do jesuíta italiano Pe. Humberto Pietrogrande, ampliando-se em seguida para vários estados da Federação, quando criam a UNEFAB – *União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil*, fundada em março de 1982. Na Bahia, o grande batalhador foi o Padre italiano Aldo Lucchetta, que, junto com as lideranças locais, promoveu a criação dessas escolas.

A primeira *Escola Família* da Bahia começou no município de Brotas de Macaúbas, o que incentivou outros municípios a investirem na experiência. A expansão fez surgir a necessidade de criação de uma Associação Regional que congregasse as Associações Locais mantenedoras das *Escola Família Agrícola* existentes. Daí nasce a AECOFABA (*Associação das Escolas Famílias Agrícolas da Bahia*) em 04 de setembro de 1979, assessorando técnica e pedagogicamente todas essas escolas. Posteriormente, foi criada a REFAISA – *Rede de Escolas de Famílias Agrícolas Integradas do Semi-árido*, compreendendo os estados da Bahia e Sergipe.

Dentro dos pressupostos de sustentação das *Escolas Famílias Agrícolas*, está o princípio da alternância integrativa, que propõe um trabalho com o educando visando à educação e à formação integral da pessoa, promovendo a relação entre o meio sócio-profissional e o centro escolar, a fim de que o jovem possa permanecer no campo de forma consciente e atuante em sua comunidade, comprometido com o meio rural e com o futuro de sua região.

Nesta perspectiva, Calvó (1999, p. 17), afirma que:

[...] uma Escola Família Agrícola é associação de famílias, pessoas e instituições que buscam solucionar a problemática comum, da evolução e do desenvolvimento local através de atividades de formação principalmente dos jovens, sem, entretanto, excluir os adultos..

Fundamentada na concepção de que a vida ensina mais do que a escola, a *Escola Família Agrícola* valoriza o aprender pelo fazer concreto do dia-a-dia, na experiência do trabalho familiar e em outras situações. Portanto, a aprendizagem acontece principalmente nos períodos de atividades em casa e nos estágios.

Refletindo sobre a Escola Família Agrícola, Pineau nos diz:

[...] esta é, em si mesma, mais uma escola da ação que uma escola do discurso. [...]. Ela pode ser vista como uma 'trans-escola' da experiência visando, através e além desta, ao desenvolvimento de si mesma por si mesma (auto-escola), da relação com outros em co-operação ou companheirismo (co-escola), e mesmo da relação com o ambiente físico (eco-escola) (PINEAU, 1999, p. 56-57).

Ainda de acordo com Calvó, os princípios filosóficos das Escolas Famílias Agrícolas têm suas origens no personalismo de Emmanuel Mounier. O personalismo é uma corrente humanista que surge em oposição ao comunismo coletivista e ao capitalismo liberal, em que as pessoas constituem os instrumentos utilizados para enriquecer-se. Ele continua:

[...] a atenção personalizada tem sua importância nas Escolas Famílias Agrícolas: a tutoria, o diálogo para a revisão do caderno da realidade, as visitas às famílias e comunidades, todos os momentos no centro além da presença na sala de aula e que são extraordinariamente educativos; conservação dos espaços, responsabilidades em casa, jogos, organização de atividades semanais, avaliação semanal das atividades, [...] (CALVÓ, 1999, p. 23-24).

GIMONET (1999, 39), referindo-se ao processo de nascimento e desenvolvimento dessa escola afirma que, no decorrer das suas atividades, essa organização foi elaborando a sua própria pedagogia. Segundo o autor, essa elaboração foi progressiva e se operou por uma permanente pesquisa-ação, unindo a experimentação no ambiente interno e a pesquisa de práticas e teorias no ambiente interno. Dessa maneira, as *Escolas Famílias Agrícolas* de acordo como o autor:

[...] nutriram-se dos princípios e práticas da Pedagogia Ativa, representada por pedagogos como Célestin Freinet, Óvide, Declory, John Dewey, Roger Cousinet, Maria Montessori e outros. As altas escolas dinamarquesas foram outra fonte de inspiração (GIMONET, 1999, p. 42).

As contribuições recentes para a filosofia da *Pedagogia da Alternância* têm como referência os teóricos: Jean Piaget, Carl Rogers, Paulo Freire e Edgar Morin.

Segundo Gimonet (1999, p.125), “na pedagogia tradicional, o ‘mestre’ se confunde com o conhecimento. O melhor mestre ou professor é aquele que possui mais conhecimento”. O aluno, nesta lógica, prossegue o autor, “deve adaptar-se a um e ao outro, caso contrário, ele estagna ou é excluído”.

Contrapondo-se à lógica da pedagogia tradicional, esclarece:

[...] Aqui o programa e o mestre se adaptam ao aluno e o acompanham no seu desenvolvimento. O professor neste caso não é mais aquele que tem mais conhecimentos, mas aquele que acompanha, guia, orienta em direção às fontes do

conhecimento, ajuda na construção destes, facilita as aprendizagens, ensina quando necessário [...] (GIMONET, 1999, p. 125).

Assim, nos diz Gimonet, “a *Alternância* permite essa *Pedagogia da Realidade*, da Complexidade, essa necessária educação sistêmica para preparar os atores do futuro neste mundo em movimento” (1999, p. 48).

Todas essas contribuições convergem para o princípio da sustentabilidade do homem por promoverem uma visão integrativa entre este e o meio, harmonizando-se com os objetivos das *Escolas Famílias Agrícolas*: redução do êxodo rural; fortalecimento da pequena propriedade da região; difusão de novas tecnologias; desenvolvimento de atividades educacionais que valorizem e resgatem os valores históricos e culturais da comunidade; capacitação do jovem sujeito à sua própria história, além de oferecer ao meio rural uma liderança motivada para que possa estimular e orientar o desenvolvimento técnico e, em particular, o comunitário.

Nesta perspectiva, o presente projeto de pesquisa objetiva investigar o projeto educativo norteador pela Pedagogia da Alternância da Escola Família Agrícola. Estudar-se-á a EFA de Angical, procurando reconhecer como os princípios da Pedagogia da Alternância proporcionaram oportunidades aos seus egressos, com a introjeção da concepção do desenvolvimento sustentável para a real inserção do sujeito em seu meio – histórico, social e cultural, sua formação integral, a fixação do jovem no meio rural com vistas à melhoria da qualidade de vida.

METODOLOGIA

Como referencial teórico-metodológico iremos nos pautar pelos princípios do materialismo histórico-dialético, orientação importante nas pesquisas em Ciências Sociais e da Educação, por fornecer conceitos essenciais à compreensão do objeto em estudo. Importante destacar, também, que essa opção teórico-metodológica permite agregar várias técnicas de pesquisa e mixar diferentes procedimentos na busca de respostas para os objetivos do trabalho.

Dessa forma, como etapa inicial da pesquisa, faz-se necessário um levantamento bibliográfico da literatura e de estudos sobre as *Escolas Famílias* e sua Pedagogia para melhor entendimento dessa concepção de educação rural – incluindo fundamentação teórica, dispositivos legais, diretrizes curriculares. Os sujeitos da pesquisa serão os egressos que concluíram o ensino fundamental no período de 1998 a 2000. O levantamento nos arquivos da escola propiciará a localização dos sujeitos.

Posteriormente, serão definidas as técnicas de pesquisa de campo, de cunho qualitativo, utilizadas nessa perspectiva teórico-metodológica, com o propósito de verificar se os objetivos deste modelo de escola para a área rural estão sendo concretizados. Para tanto, será elaborado um roteiro de pesquisa contendo aspectos básicos a serem observados, e um caderno de campo – onde anotações das mais variadas sobre o modo de vida dos jovens egressos da *Escola Família de Angical* - Bahia, por intermédio de categorias como: inserção na comunidade, formação integral e melhoria da qualidade de vida, a fim de acompanhar o andamento das atividades e se os objetivos estão sendo alcançados.

RESULTADOS ESPERADOS

Além dos objetivos explicitados, pretende-se também contribuir para a consolidação da relação Universidade / Educação do Campo. Espera-se que o conhecimento produzido, após a pesquisa, possibilite à *Escola Família Agrícola de Angical* – Bahia, a reflexão sobre sua prática educativa, a reafirmação dos seus objetivos, o fortalecimento dos princípios norteadores da *Pedagogia da Alternância* e o aprofundamento dos estudos sobre educação e desenvolvimento

sustentável. Tais metas podem beneficiar a comunidade tanto dos assentados na área de Reforma Agrária, quanto da sede do município. Conforme afirma Gimonet, citado por Calvó (1999, 24), “ainda estão por ser descobertas as grandes possibilidades deste sistema educativo”.

REFERÊNCIAS

CALVÓ, Pedro Puig. Centros familiares de formação em alternância. In: **Pedagogia da alternância**. Salvador: Dupligráfica, 1999.

DALTRO, Renato Ribeiro. Trajetórias de vida de assentados rurais: um estudo da diferenciação escolar no assentamento rural de Angical – Bahia, 2000. (Dissertação de Mestrado) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

GIMONET, Jean–Claude. Nascimento e desenvolvimento de um movimento educativo: as casas familiares rurais de educação e orientação. In: **Pedagogia da Alternância**. Salvador: Dupligráfica, 1999.

PESSOTTI, Alda Luzia. **Ensino Médio Rural: as Contradições da Formação em Alternância**. Vitória: Secretaria de Produção e Difusão Cultural/ EFES, 1995.

PINEAU, Gaston. Alternância e desenvolvimento pessoal: a escola da experiência. In: **Pedagogia da Alternância**. Salvador: Dupligráfica, 1999.

UNEFAB – União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil. Agenda. Vitória: UNEFAB, 1999.